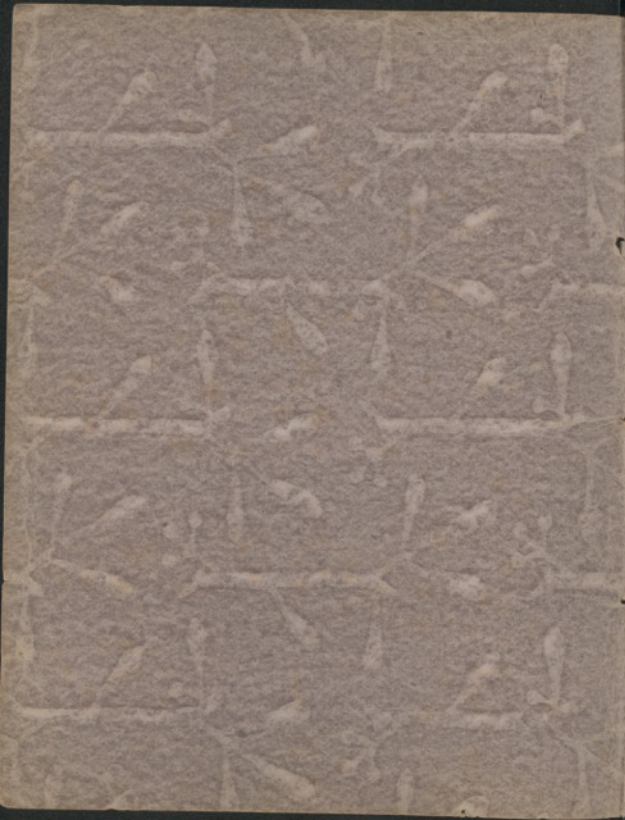
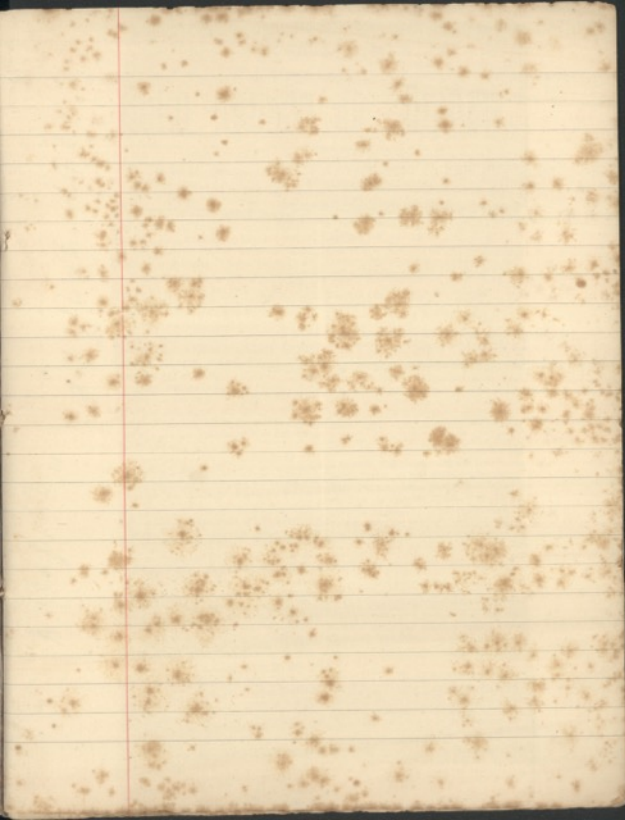
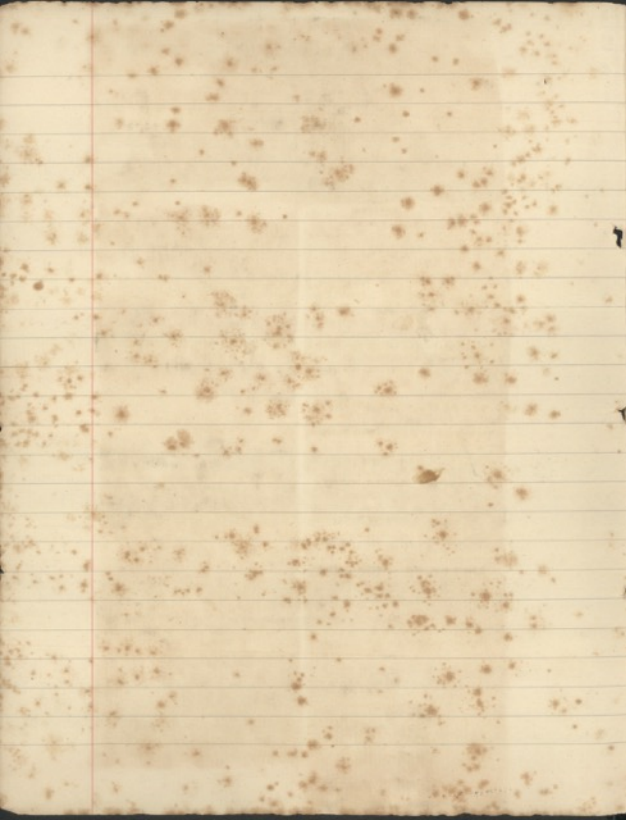


→ "ORPHEUS"

2







ARTISTAS DE RILHAFOLLES

Outro numero do "Orpheu,"

Sá Carneiro, poeta catholico e monarchico -- Uma «Ode maritima» escandalosa

Tomol-o aqui, o segundo numero do *Orpheu*, a singularissima revista sobre a qual chamámos ha trez mezes as attensões do publico e especialmente dos psichistras... Dividiram-se as opiniões sobre os moços que subcrevem as extravagancias inascreditaveis do trimensario, affirmando-se ora que são loucos, varridinhos de todo, ora que apenas querem divertir-se á nossa custa e vender á avariada mercaderia... O primeiro numero do *Orpheu* constituiu, com effeito, um acontecimento, pela risota que provocou e pela excoptional extrapelo que obteve, a ponto de se exgotar, segundo nos informam, e uma alegre revista do anno agora em scena aproveitou o caso para um dos seus mais interessantes numeros.

Os poetas e os prosadores do *Orpheu*, em nome parecer, soffrem quasi todos da cabeça, embora o desarranjo mental de que são victimas os não arraste á pratica d'outras desatinos de mais graves consequencias. Estando como prosadouro alguns cefes da Raixa e juntando-se de preferencia na Brasileira do Chiado, são apparentemente pessoas muito sociogadas, não falsas alto, não gesticulam, não incommodam ninguém e quasi todos, se não todos, possuem fina educação e visjaram. A sua loucura manifesta-se apenas, mas d'uma forma inilladível, na protensa producção litteraria. Cada poema é um documento de raro valor para o estudo pathologico d'estes jovens, que se encontram gravidos d'um «manifesto da nova litteratura», que ainda não foi dado á luz por causas varias, entre as quaes avulta a de levar tempo a desenvolver os seus «principios de ordem altamente scientifica e abstracta».

O segundo numero do *Orpheu* abre com «poemas inéditos» de Angelo de Lima. Este poeta reside, ha muitos

annos, em Rilhafolles e a sua originalidade consiste em semear de maiusculas os versos que compõe e que denotam um profundo agravamento de inspiração. Eis uma das suas estancias menos confusas:

Erguida nas Sandalias Encurvadas
Sou de Pé ante Ti, ó Verdadeira!
Dama da Vida, pelo Amor Ungida...
Senhora Principal... Dama da Vida!
— En tua Padre-Mãe — a Derradeira...
— Entre as Vagas de Inocentes Ti Voltada...

A Angelo de Lima segue-se o sr. Mario de Sá-Carneiro, que ainda não reside no manicómio Miguel Bombarda, mas que, se proseguir com a tenacidade e o fulgor que caracterizam a sua obra, corre o risco de o collocarem sob a vigilância do sr. dr. Julip de Mattos. Intitulam-se «Poemas sem suporte» os versos do sr. Sá-Carneiro e são dedicados a Santa Rita Pintor. Este joven, que cursou pintura em Lisboa e em Paris, adoptou o appellido de Pintor depois que deixou de pintar... Sá-Carneiro, que é um rapaz mastodontico, possui uma alma de creança e acalenta um sonho:

Ter almas a vida inteira...

Uma das suas occupações mais caras consiste em polir as unhas suas mãos preciosas; d'ahi o poema que intitulou *Manicure* e que começa assim:

Na sensação de estar polido as minhas unhas,
Sobita sensação inexplicavel de ternura,
Todo me inclino em Mim — profundamente —
Entanto eis-me sózinho no Café.
De manhã, como sempre, em bocejos amarulios,
De volta, as mesas apenas — ingratas
E duras, esquinadas — na sua desgraciosa

"A Capital" 28 Junho 1915



Boçal, quadrangular e livro pensadgra.
Fôra dia de Maio em lux
E sol — dia brutal, provincial e de mo-
crático
Que os meus olhos delicados, refinados,
cerelos e cidadãos
Não podem tolerar — e apêlas torçados
Supportam em nuseas...

O poema vêe n'um crescendo in-
dessejável de disparates e, a meio,
tem este parenthesis:

(Como tudo é diferente
Irrrealizado a gar:
De livres pensadoras, as mesas fluidicas,
Dituidas,
São já como os catholicos e são como os
monarchicos...)

Sá Carneiró, que se encontra n'um
café, vendo, como é seu costume, as
mesas a dançar, põe os seus olhos
«teturistas, cubritas, interseccionis-
tas» n'um sujeito que lê o *Matiz* e
faz o elegio dos caracteres typogra-
phicos e dos annuncios dos jornaes:

Hurrah! por vós, industria typographica!
Hurrah! por vós, empresas jornalisticas!

e inclue na veralhada, em grandes
caracteres, annuncios de toda a raça e
de todo o tamanho. Acaba por beber
coisas diversas e da misturada resul-
ta isto:

Eolo de mim por uma escada atulho.
Minhas mãos aperreio,
Esqueço-me de todo da idéa de que as
pintava...
E os dentes a ranger, os olhos cerrados,
Sem câmpen, como um possesso:
Decidome!
Corro estio para a rua aos picotões e aos
gritos:
— HUI! HUI! HUI! — HUI! HUI! HUI!
Tum... tum... tum... tum... tum... tum...

A trapalhada mais extraordinária
e mais assombrosa que encerra o pe-
queno numero do *Orpheu* é a «Ode mari-
tima», de Alvaro de Campos. Torce-
se forçoso reconhecer que ha n'ella
qualquer coisa de superior ao resto
e que o seu actor tem talento apor-
ta-melequeira. Não querêmos com
isto dizer que se possa considerar a
«Ode maritima» um lavor artistico.
De modo nenhum! Mas parece-nos
que a sua leitura permite apreciar
com mais segurança a phisio-psicho-
logia, tão profundamente morbida,
d'aquelles a que chamamos esquizofrénicos.
As passagens que desejariamos tran-
crever são irreproduzíveis porque
não queremos que nos acusem de
pornographicos... Basta de realismo,
que já não é pequeno!

A Capital
28-VI (Continuação)

A PROPOSITO DO «ORFEU»

O poeta Angelo de Lima

A nota que vai a seguir foi escrita na mesma noite em que a *Capital* publicou o artigo sobre o *padismo*, tendo estado até agora sem sair por motivo de absoluta falta de espaço.

A proposito do novo numero do *Orfeu* recordava ontem a *Capital* o nome dum grande infeliz que andou muitos anos pelo Porto, donde até me parece ser natural, e cuja vida bem ao contrario de ter sido uma boemia risosha foi alguma coisa de um longo calvário, um destino irmão do de Glatigny. Talvez não falte aqui quem o haja conhecido so menos como eu, nos primeiros tempos da sua neurastenia, em que, do Conde de Ferreira, onde encontrara, no director, o snr. dr. Julio de Matos, um amigo, colaborava com actividade na *Geração Nova*, de Julio Lobato, quer escrevendo versos quer com desenhos que nada tinham de *psíquicos* mas sobre os quais a inspiração duma musa de vesanica tristeza estendia já os seus veus... Refiro-me a Angelo de Lima. No entanto quem, ignorando o que foi esse poeta, leu ontem desprevenidamente a *Capital*, ficou a pensar que ele não passou dum proto-Sé Carneiro, escrevendo sempre sem senso nem gosto artistico, como pratica a nova escola de *ratés*... Ora é exactamente para resbilitar Angelo de Lima e ainda pelo respeito que me inspira a sua grande miseria acabando no aniquilamento do espirito, que estas linhas se escrevem, como uma piedosa advertencia a quantos aguardam a hora alegre do aparecimento do *Orfeu*.

Amadeu Cunha.

Republica

de 1º Julho 1915

PUBLICAÇÕES

Orpheu - É o n.º 2. A loucura em mar-
cho. Não já um atiro da loucura, mas a
doidice plena, a loucura no seu zenith.
Abre o numero com versos doidos de um
poeta que ha anno está internado em Ri-
chafol. Os que se seguem se não estão
deviam estar. Nunca em prosa, verso e
desenho se viram tão descegadas coisas.
Santa Rita pictor, desenhava-se imper-
cebivelmente trapalhadas. *Orpheu* ajudam-
se como podem. O *Orpheu* dá a impres-
são duma daquelas carnavalescas musicas
infernaes em que os músicos tocavam
harmonia na toada destrambelhada. Não
diremos trechos. São irreproduzíveis.
Mas se o leitor quer entrar em espirito
num monismo trança a parça es-
cura da obra de *Orpheu*. Lá verá os
seus colaboradores ganhando, rindo,
palando, cabriçando e dizendo infinitos,
inecontáveis disparates.

"A Luta"

"

→ 2 Julho
1915



"O Espelho"

ed. de 1915

OS INCOMPREENDIDOS



O pintor futurista.—Espião, eu! Não
vê que isto é um estudo científico d'uma
cabeça, sensibilidade litográfica!

O polícia.—Outro, amigo, outro! Você
está mas é a fazer uma pintura qual-
quer para fornecer aos alemães!

1 julho 1915

CONTA CORRENTE

Li um dia d'estes nos jornaes que se pensa em adaptar certo mosteiro devoluto a determinado estabelecimento publico.

A noticia não é muito má, se não dermos a que peor seria; se se peiasse no contrario. Mas eu achava preferivel que se puzesse de parte, d'uma vez para sempre, essa velha balda das adaptações, sabido como é que d'elas nunca resulta coisa em termos, porque, quem torto nasce, torce ou nunca se endireita.

Por uma associação de ideas, essa noticia teve o merito de me recordar uma obra em que ha muito se falou e que consistia precisamente em transferir d'uma má adaptação para edificio expressamente construido, um dos nossos estabelecimentos publicos. Refiro-me ao hospital de Rilhafoles.

Ha bons tres ou quatro annos que o illustre director d'aquelle estabelecimento me disse coisas pavorosas da incapacidade do edificio para o fim que lhe determinam. Ali falla tudo ar, luz, hygiene e especialmente espaço—esse socorro indispensavel a quem padece de falta de juro, como certamente o terão reconhecido a maior parte dos politicos da nossa terra. Nessa epoca, se bem me recordo, disse-me o sr. Julio de Matos que já estava escolhido o terreno para o novo manicomio e que as obras iam começar em breve. Começaram, de facto? Tenho uma vaga idéa de haver visto um dia, no antigo campo da Caça, uns rudimentos de caboucos, onde deveriam ser lançados os alienceiros do edificio. Mas como de obras do Estado se tratava e obras do Estado são sempre sinónimo de obras da Santa Enxada, eu ia jurar que a estas horas nem os miseros caboucos existiam já.

Entreclando os pobres loucos

numa d' vegetal miseravelmente no sinistro pastieiro de Rilhafoles, e o que é peor, o partido continua a não ter capacidade para acolher nem a centesima parte dos que de hospitalização carecem. Esta verdade não precisa o leitor que o dr. Julio de Matos lh'a diga; nem eu, Haverá, porventura, entre os senhores que me lêem, algum que não tenha já ouvido de Herodes para Pilatos, do governo civil para a Cruz da Carreira e da Cruz da Carreira para os caboucos do governo civil, por não haver na manicomio possibilidade de o admitirem?

No entanto, esta questão do novo hospital de doidos tem de ser urgentemente resolvida. Não pode haver mais prorrogação, mais adiamentos, mais desleixo. O numero de alienados em Portugal está aumentando n'uma proporção pavorosa. Dizem-no os jornaes, no registo negro do seu noticiario e das suas crónicas parlamentares; dizem-no as estatisticas, nas suas perturbadoras-avalanches de algarismos.

Mas quais fristões que os algarismos são os factos. E os factos mostram-nos, por exemplo, que os colaboradores da segunda numero do Orfeu já são mais do dobro d'aquelles que colaboraram no primeiro numero.

R. J.

"O Pécubo"

ed. da morte

1 Julho 1915

"A Montanha"

Um do «Orfeu»

Pela cronica alpinista do «Jornal» vamos que um dos reficadissimos poetas do Orfeu se declara catolico e monarchico.

Escolheu o poeta de fazer em publico o reso a sua profissao de fe porque, era inevitavel que tanta asneira junta ao se abrigaria na crosta dum catolico-monarchico.

De resto, é logico que assim seja quem lá conta com um lozaz de primeiro, arranjado pelo tanto naviculario.

Que se deite, e o reino dos ceus...

Porto

4 julho 1915

CARTAS DO PAIZ

ORFEO I.

Lisboa—Deixei as Cúrcas. Apenas logo entrar ali a tempo de tomar 12 banhos de lama, e dois de aguas sulfureas. Sai porque acabava a minha estadia; e, portanto, por um incidente essa historia faria em occasião oportuna. E não é agora. Mas grado a pouquidade das lamas e banhos, senti grandes molheiras nos padecimentos da

costa. Grande. Andei, entrasse, eu o pedregoso fígado nas aguas do Gerco, em Vidago, para onde os medicos me mandam partir. O seu conselho mais interessante é que vá estar fangamente no estande, completando a sua fígado, por uma cura de absoluta repouso, os benefícios dos banhos. Mas, a não ser a Hespanha, para onde o peço, ir tranquillamente? E, na Hespanha, com o peço das duras, até onde não chego e custo da viagem? Deixei-me ficar por ali, entre as cavalheiras do Gerco, ou nas sombras do Vidago que só me mostra um magnifico hotel: fui continuando as minhas curas do paiz: detalhei de terra de que faz parte de de Lisboa, porque aqui recebi a cura, após o tratamento das Cúrcas. Mas aqui está é a participação em que me encontro, se a deve datar desta capital! Devo algumas horas que vivo nas regiões clássicas, futuristas, intervencionistas: aliam-se momentaneamente a essas amplitudes, em que se vêem de vez em quando pelo confio de pontos os versos do Orfeo. Como agora sinto que não compreendo a politica, porque aqui recebi a cura, após o tratamento das Cúrcas. Mas aqui está é a participação em que me encontro, se a deve datar desta capital! Devo algumas horas que vivo nas regiões clássicas, futuristas, intervencionistas: aliam-se momentaneamente a essas amplitudes, em que se vêem de vez em quando pelo confio de pontos os versos do Orfeo. Como agora sinto que não compreendo a politica, porque aqui recebi a cura, após o tratamento das Cúrcas. Mas aqui está é a participação em que me encontro, se a deve datar desta capital!

Meus olhos captados de Nova, Sum, meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos intervencionistas, Não posso de frente, de servir a futurista. Toda a belleza, a estetica, a transcendente, a succedanea, Toda essa belleza—sem suporte, Desconhecida, eterna, parlavel sempre E liza—em mutação continua, E insondáveis divergencias.

(Orfeo, n.º 2, pag. 101).

O que é que não escrevo também a nosso geral Jacques e os presentes meus olhos que podem sobre este estado grande da literatura portuguesa, como olhos agudos do lido moderno a receberem luz das pupilas futuristas, cubistas e intervencionistas?

Os leitores perdem o encanto desta carta. Não estou em mim, de quando por até agora não me houverem sido reunidos os misterios insana-

res da poesia que trata do Orfeo, desenhada a desgracia pelas velhas Hesclas. (Vai com letra grande, sua E piramidal, esta "Escala", já como o papel ao polvilhamento cubista de letras minúsculas nas poeiras e prosa e essas divinas que têm os olhos agudos de Nova). Feito este respectivo fecho, passo a narrar:

Como os leitores sabem, era hoje o dia marcado para penetrarmos os subterrâneos do convento de Benfica e ali conversarmos e com o frei Luiz de Sousa que—culando—escrevia um português dedicado, e portanto ranso de classico, não havendo ainda sido tocado pela inspiração intervencionista. Levantou-me por volta das 9 horas da manhã, e decidi botar, como se diz na minha aldeia, até aquela provação e a de Quercus, mettendo-me burguesamente no comboio. Cheguei a estação do Rocio e faltava mais de uma hora para a partida. Como se trata de jornada, a parte referente a guerra, pois não me interessa, mais nada, resolvi ir comprar um livro à rua do Ouro, na Livraria Ferreira. Não havia, ali, livro nenhum poro, de França; mas avistei um folheto embrulhado em capa preta, onde dozeavam, a umas grossas e argentadas letras, estas palavras:

ORFEO 2.

Agarrado ao livro, sofregamente. Um amigo, que também procura livros, riu-se e disse-me se eu ha versos de versos de chuchadores. Chama assim as grandes transformações cubistas, as altas poeiras futuristas, e penetrantes pignatadas intervencionistas, e disse-me isso, a mim, que já conhecia o Orfeo n.º 1, e aqui ha celebrada as odas estranhas e inconfindáveis (estas (elle disse rufadas), ou chuchadores, essas crissas de novas formulas poéticas, essas ridentes d'un novo e deslumbrante mundo literario! Nem respondendo. Sobrecal e livro, e abalei para a estacao. Cheguei em frente d'ella, olhei o relógio. Ainda mais hora de esperar. E o sol já nascava. Encolli-me para um café proximo, na ideia de me refrescar com qualquer bebida, e sentei-me num lugar onde não devesse o sol, mas d'onde o viasse porque não caberia, até bontem, nada mais bello e consensual que a luz jorrada do céu em dias estivos. Foi, a brevo trecho, como eu a descobri, e como as versos d'un cubista me faziam absorver a facenda da luctação do sol! O poeta enleva-me a uma poesia, intitulada Montecore. Os leitores bem sabem, não é assim? o que isto significa. Nem era preciso o vato explicito.

Na escção de estar polido as minhas palavras, Subito hespção hespção de ternura. Todo me inclio em Mim—piedosamente.

Inclio-me em si; e, incluído, conta:

«Depois então de minhas Heslas, As minhas Hesclas, os meus poetas de versos, Os poetas da minha escção»

E, de cada vez mais incluído piedosamente, deponho estas coisas todas, refiro que entrei a um café. E o que variam os meus olhos cubistas? Então:

«De volta, as meus apenas—apenas E dadas, equinadas na sua desgracia»

«Egal, quadrangular e livre—condora»

"O Primeiro de Janeiro" 1915
Porto 23 julho
(Cronica de J. de Alfoim)



Attingentes ao poder, a seus legiões,
em tão nobres olhos cubita, já observo
a desconfiança livre-pensadora
das mezas dos cafés? En, não.
E se agora, pela ausência do poeta,
a descobri? Onde é que ha essa nua
livre-pensadora, se o sol das hals de
chapa, do que as mezas dos cafés? O
vale cubico-perdido, cubista—anatomia
assim o sol fulgente e o dia
estallante.

«E sol—do bruto, grotesco e de-
monstrativo
Que se meus olhos delectos, ^{monstrativos}
espelhos e cidadãos
Não podem falar—e apenas forçados
Supportam em naufragio»

Colta-Hubo! Que finissima delirancia
os seus olhos vagalos e cidadãos—o re-
finados, notem bem—possuem! Elle
murmurava, longidamente!

«Toda a nobre sensibilidade
Se offende com este dia que ha de ter
centro
Entre os amigos com quem tudo se
faz—
Tripartitos, noturnos, de bégados tortos—
Que escreverem, mas tem partido politico
E assistem a congressos repubblicanos...»

O maravilhoso cubista que, pelo vis-
to, não tem amigos leigos em espados
de barba, ainda extrahidos, polver es-
sas contrições de passio, diverio que
olhos cubistas que, por ainda eu não
estar impregnado de essencias futuris-
tas, me abstenho de aqui indicar, apre-
sentando apenas, dos versos, as caracte-
rísticas de que os seus crestados e
debertados compunções

«... gustam de vinho fial,
De péro ou de sardinhãs fritas»

E a luz d'esse sol provinciano e de-
mocrático, tão ^{democrático} a seus mo-
rões e bandidos, tem partido poli-
tico e amor pe a congressos repubbli-
cos, galloes de vinho fial, a reger
péro ou sardinhãs fritas, o que viu
o poeta paulista? (os barões d'olhos
vagalos de Nervo, não são apenas fu-
turistas, cubistas, interoccludistas;
tambem se deslindam paulistas). Elle
conta:

«—olha os meus... En! En!
—olha todos os meus... En! En!
—olha todos os meus... En! En!»

N, depois das mezas, ballam as
«... cadáveres que estrondam no seu
monstruoso
Fé té, se erguem também, os seus
bando»

Tudo isto—tal é o poder do genio!
e vi tambem a minha divina dos ver-
os que acabo de ler, Mas, é admiravel
poder dos olhos cubistas! Julgam os
sitores que as mezas de café são som-
pre d'uma desconfiança livre-pen-
sadora? Isso, é somente a luz do sol!
Que veja esta transformação:

«Como tudo é diferente
terralizado a pos:
De livres pensadoras, as mezas foidi-
cas,
Béculas,
Se já como eu cubista e não como
eu monstruoso!»

O poeta paulista é monstruoso e cu-
bista: a, sob a luz do sol, as mezas
dos cafés, que eram livres-pensado-
ras, a luz do sol, adoptam a sua té-
pida e religiosa. Enfim, leitores,
a outro artigo saboreo o que, graças a
este livro genial, eu vi na detenção
por Bioncia fôra!

1º de Janeiro

3 jul. (cont.)

CARTAS DO PAIZ

ORFEO 2.

Litões—Na minha última carta, comeei a qualificar a impressão profunda, extraordinária, e como o meu espírito pelas agulhadas observações do poeta cubista pertencente à sua grande Gôa que tem os ecos unidos de Novos. Toda a vida julga que os cafés eram logarias atrozes à propagação jacobina e que as suas mesas amavam democracia. Sem sequer lembrar as reuniões dos cafés do Palácio Real, tão belivante na Revolução, sem até considerar as tradições modernas de Nat-Mari de Montmarre, onde Gambetta e Piquet conspiravam contra o Império, eu conhecia—a que é não ser a história feita por poetas cubistas, interseccionistas, futuristas e positivistas como os do Orfeu!—a grande Jacobina dos cafés do Rio, por exemplo, e do Nicolai, e do Ruzs, onde se preparava o movimento revolucionário do café. Agora mesmo, tal-se alteradamente, nos cafés religiosos e realistas, do demagogico, Brasileiro, onde um lavador ficou um tempo e pantufarra que faria, todo, para ilusão? Quando há sol, e a vida brutal, positivista e democrática está no café, os seus mesas são

—horas

E duras, esquivadas no seu desprolidade
Vagal, quadrangular e hercúleo
(Orfeu, pp. 24.)

Mas, se lhes não dá o sol, e se ilumina o gás, o poeta cubista diz que as mesas

De lires possantes, de mezes foidi-
cas,

Ditadas,
São já como as colônias e toda como
as monarchias
(Orfeu, pp. 181.)

Já se vê, pois, que as mesas dos cafés, cubistas e monarchias à luz do gás, (tal qual o poeta), se tornam adesivos à luz do gás que é brutal, positivista e democrático, repugnando aos colhos colônias, positivistas, egípcios e cidadãos dos vales futuristas e, no dia de certos possantes geógrafos, se o toleram, a esse dia de sol, os amigos d'elles que

... gostam de vinho tinto,
De prós ou de sardasas fritas
(Orfeu, pp. 22.)

Já hantem referi como os meus
gatos grosseiros, plebeus, redondos e

abdoes e, portanto Incapazes de penetrarem até onde alcançam os colhos cubistas do Netto e dos grandes paulistas, se desceram então à luz beneditina do cubismo. Eu vi, como o poeta, as mesas às cubistas e as colônias em cerabando (pp. 181 do Orfeu) e ali de café, iniciado nas transaccões sublimadas do cubismo, láto impregnado já da sua luz divina que eu, coque chos já não havia atingido as potestas suprioristas reconhecidas do hotel chamado Avenida-Petelo, grilhões logo, quando, no subit para a estalção, lhe vi os meus os catatras?

O grande Netto Incapaz
Das esgas transações egípcias,
Com egípcio, catatras-estral,
Recebe, catatras, triplicadas...
(Orfeu, pp. 22.)

Mas onde eu senti o que tem sido, até agora, de netto e láto à minha alma de quem não pertence à luz da sala dos Incapazes, foi quando estive no café, e vi netto netto os vagões, as possantes carroças rodando carregadas de mercadorias. A's cores, os fardos colônias em os tipos transaccões firmas do vinho, os os catatras transaccões e petroleos, fardos egípcios, li, alvao à iluminação poetica positivista, os transaccões os catatras nettos do

Os grandes catatras transaccões
As malas, as fardos—glorificadas...
Tudo inerte no Ar.
Alegria por elle, separado por elle,
Em multiplos intestinos
Por onde eu sinto a minha alma e de-
tupar...
(Orfeu, pp. 190.)

Não hoje a intendo, a esse dominado, fascinação dos fardos e catatras, e a agita como o vapor cubista (pp. 190 do Orfeu), eu clamo a um brado de alvoo de Jacobina alegria

—O' belleza! Intimista das mercadorias!
—Surpilhada dos fardos
Como eu quero a Intimista de Ti!
—Madre dos catatras,
Como eu quero a Intimista de Ti!
(Orfeu, pp. 190.)

Os meus dentes já não podem atirar-se assim contra os dentes ruidores dos cubistas, e a minha das catatras e a

Os meus, os dentes, os dentes, os dentes...

Mas não me faltou vontade: e, naturalmente, comediante, dentel, meus barricas de lanteira que bajavam da carroça e das carroças. Como eles, os poetas diversos do cubismo, me transformaram a alma transaccões, e a alma intimista a compreensão superior e transaccões da cubista Intimista das mercadorias! Uma das características dos adalvares vales é a vontade de morder, uma acção de comer coisas estranhas. Ha um poeta no Orfeu, que se gaba do muito amado do progresso. E esse que se descreve assim, a si proprio:

...Eu que amo a revolução moderna, eu que beijo com alma as máquinas, Eu o inventor, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro...
(Orfeu, pp. 155.)

Pois esse futurista do civilizado, por ser educado no estrangeiro (porque se o não fosse não passaria de um rude e um local como os leitores e eu), tem entre outras coisas e sublimas de futurista:

"O Primeiro de Janeiro" (art. de J. M. de Alvim)
Porto 4 julho 1915



que quer ser um bicho representativo
de todas as coisas mortas,
um bicho que febreisse dentro das minhas
veias, nas minhas
Das concisas palavras, belotas palavras e
alcatrazes nas concisas
Tristezas velas, ramos, cordões e po-
leumcos.

(Orfeu, pp. 111-12)

Orá aqui está o que queria, o inco-
gnito das coisas eternas—o, meu
Deus, que aqui vive, ali não! Não
meio ao meio a viver das coisas eternas
cubistas, e avião!

adrenetico como um touro louco sobre
tudo isto!

Creio nadas, parte garças, sangue das
dentas sobre isto!

HA!-eh!-eh!-eh!-eh!-eh!-eh!-eh!-eh!-eh!

(Orfeu, pp. 111-12)

E, mais abaixo

Orfeu, pp. 111-12

Não poderia de si a futurista es-
ta bacia em a, e a bacia 2?

Os leitores lembram-se da emoção
com que lhos falei dos crimes nos Ar-
cos das Águas Livres, do sangue que
abechia aquelle lado valle com que se
dá d'olhos, logo ao desembocar do fun-
nel! Recordando as pessoas despenha-
das do alto da arcaria, atravessadas
e lhos eu rughadas à terra, as mulheres
e as crianças formidavelmente mortas, los
lhos olhos assomavam lagrimas. Foi
agora, mal a carruagem irrompia das
anodadas subterrâneas, e apenas a mi-
nha vista alcançou os Arcos, vivei vo-
luptuosamente, aspirando angustias de
massas, como o titanico poeta pau-
lista do Orfeu:

—Adá ser tudo nos crimes? ser todos
os elementos componentes
Dos delitos aos brios e das chibices
e das violências?
Ser quanto foi no-loco dos aques?
Ser quanto viveu de joia no loco das
tragedias de sangue?
(Orfeu, pp. 111-12)

Eu queria contar aos leitores o
que foi, sob a impressão formidável da
leitura futurista, a minha excursão a
Benfica e a Quilom Alada visto de
commoção! E tanta—deixem-me di-
zer-lhes a verdade toda—tanta que
se me afogava o meu joelho de go-
toso e aggrava o machado joelho de
artístico porque me succedi, ao sair
do comboio e da estação, como ao po-
eta olimpico de pag. 106 a 107 do Or-
feu:

arço de mim por uma corda abeira...
Minhas mãos apertas

... e se dentes a rasgar, se dentes desciados,
sem chapas como um possessor:
Decido-me!

Corro tudo para a red das pintas e
das gritas:

—Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há! Há!

Tum... tum... tum... tum... tum... tum...

Meus leitores, como não são poetas
cubistas à laia dos bardos paulistas do
Orfeu, abster-me-ei de lhos contar, sen-
do o não perceberiam, o que lhos fa-
ram Benfica e Quilom visto de
garantia dos versos do Orfeu. Indico-
se, meus amigos, indicio-se na ala glo-
riosa: E então sabido o que é o co-
lico prazer da saírem para o campo,
ou para as calçadas cittadinas, nas sa-
cabadas das mesas e candelas dos ca-
fés—e também, de correrem aos pinetes
e gritos. Bem sei que alguns tiveram
uma felicidade suprema reentrada ao
poeta cubista da pagina 107 do Orfeu

P. de Janeiro
Porto 4 Julho (cont.)

MUITO... PAÚLICO

Literatura de manicômio astral

Numa tarde desluz—foi lá de antoniam—arrastava-se carroceiramente o comboio que parte do Calo do Sodré às 15 horas e 40 minutos pela pitoresca e amena linha de Cascaes, sob um calor do deserto equatorial e sem que a mais tenue brisa acrisse os infelizes passageiros que no omnibus transpiravam todos os maus e bons humores depositados nos respectivos organismos. O comboio parava em todas as estações, em geral só para es cumprimentar, pois os passageiros, talvez por preguiça, deixavam-se seguir tudo adormecidos nas carruagens. Aqui e ali, raramente, subia ou descia alguém, afogando, ocorrendo suor, abanando-se com os chapéus, enxugando-se com os lenços. Nenhum episódio turbava a viagem. Uma única nota se salientava naquela calmária abafada. Era uma senhora ainda nova, morena, de um moreno quente de moira, de olhos grandes e negros relhosos, formosa. O calor parecia não a incomodar. Não desdobrava o leque, sequer. Os seus olhos negros e enormes não estavam nada e ninguém, a não ser, de vez em quando, as águas quietas do rio que, ao lado, sem um coitume, bellavam silenciosamente a areia. Em Paço de Arcos desceu da carruagem... E o comboio continuou carroceiramente a sua mortificante viagem. Subito, ali pelas alturas da Parede, os passageiros são quasi que acordados pela visita de um individuo, homem ainda novo, sobrando um volumoso rolo, do qual ja arrancando prospectos que offerecia aos viajantes. Mudo, sem nos proferir uma palavra, o visitante entregava o prospecto, cumprimentava com o chapéu e seguia. Por todos os passageiros da carruagem em que iamos, distribuia elle a esta grata mercadoria. Julgámos, a principio, que se tratasse da propaganda protestante, desdobramos, com pequena curiosidade, o papel, e no alto, e letras gordas, pudemos ler: — *Obendo cristão*. Seria propaganda alemã contra a guerra!

Não sabemos porque, nem porque misteriosa associação de pormenores, o aspecto do individuo que distribuia os papéis e aquelle titulo, lembraram-nos uma qualquer propa-

ganda germano-occidental, curiosamente, começamos lendo o papel. Tratava-se de um apelo aos intellectuaes portuguezes, para, quo minima sintese vigorosa as almas livres se misturassem para sempre e brandindo o cutido da Maldição o despenhassem dos céus sobre esse inferno momentaneo de Lama. Isto prometia. O nosso primeiro e intuitivo desejo, foi este: — rir. Entretanto, o aludido individuo appareceu em S. João do Estoril. Procuramo-lo com a vista. Lá estava elle, com o seu rolo debaixo do braço, no calo da estação, aguardando que o comboio partisse. Era um rapaz dos seus 25 annos, vestido de preto, de cara rapada, exceptuando uma especie de suissas á Affonso XII, que mal lhe encrespavam alinda a face pallida, ou antes, macerada de cor do feito estragado. Tinha um ar estatico, meio somambulico, lembrando um seminarista fugido da cela ou uma criatura que perde as noites conversando com os deuses ou com o diabo nas encruzilhadas dos caminhos solitarios. O comboio partiu. E fomos então o papel. Nós damos trechos. O texto é todo igual. Meia dúzia de palavras— peste, lodo, sangue, pois, com maiusculas.

Momentaneamente nos debatemos em sangue de peste e em trevas lamacentas e preciso se torna viágrimos poderosamente contra os crimes evitantes, contra as vias sinistras, de novo arrebatando o mundo em espirito, de novo derramando espirito, pela vida!

O calor era grande. Mas, felizmente, este pedaço produzia o effeito de uma limonada. Uma menina, ainda muito nova, muito faladeira e bonita, que durante toda a viagem ouzira em bica, lá á crinda, sua companheira, alguns trechos do papel. E ria ás bandeiras despregadas. Ria, ria, que era uma consolação. Mais um pedaço:

Os arrebatamentos extaticos que atravessamos nos arreastaram espiritos, uma torrente sangrenta de lodo inundou em acas sinistras do chadec, em evocações paralogicas do pantano... As tragicas quimeras do mundo medieval, sombrias na sua latente aneddotica de dor, nos seus inquietantes presentimentos de agonia, evocando, degenorando

"O Mundo"

5 July. 1915



so, o seu estupro interno, a sua verga-
mente ançoso, de uma alma como que
trancadamente fustigada pelo próprio
ideal do tempo, o seu espiroitalismo no-
doando dolorosamente vibrações difu-
sas de trevas num vaso de lousa,
de dispersão toda para sempre, o vazio
se tornaram atraindo da Europa, adol-
nha a os monstros repugnantes do Ex-
tremo Oriente que a alma favorecimen-
te perturba em seu ego, e em ventos de
sareno quando sob o céu estalam, em-
ganhados inteiramente por si... Esses
monstros líquidos e nulos de alme
absorveram a alma das quarenta e duas
vultas as anças de trevas suas, aggra-
vando-se em estímulos convulsos de
fome, incantaram nas por entre gar-
galhadas lugubres de rápida vampiriza-
ção. Sofrem a angústia, mas a alma per-
verez e ascuras de cobardemente
rasgar a carne indefesa dos Anjos.

A gargalhada não resistiu a tanta
cócega. E foi o que succedeu. Todos
os passageiros riem e gargalhada. E
com razão. Ora leiam mais este naco:

O Jacobino, o pláben sente horrível-
mente travar-se-lhe no peito as gril-
has eternas da lamúnia com que
Daus o fatalizou e, como aranha, corpo-
lenta debastando-se na tela aristonado-
ra que ella própria cria, o Jacobino, o
pláben, cheio de rancoras obscuras que
só em trovas econdes trabalham a
morte, com sangue desprender-se pro-
cura das peias aerilhões da fome e
da miséria as quais um prolongamento
tracto são apenas uma sonora ex-
lação dessas outras peias latinas cri-
das num fatal inferiorismo de alma.
Como elemental de lóto elle nasceu in-
ferior, a sua inferioridade natural que
lhe enche a alma de paixões escraviza-
doras, de perversidades que toda a al-
ma contorcem, toda a alma que só no
bem, no Espírito se liberta em ver-
tigo, essa inferioridade fatal que a uma
vida apertadamente limitada, a uma vi-
da de escravidão própria, todo o obriga
sempre elle rancorosamente sente e
denotando-se na fome, na miséria, pro-
duto da sua absoluta incapacidade do
espírito, contra a Luz, contra a Verda-
deira Liberdade eacuradamente reage
através de crimes repugnantes, igno-
mínicos não só para vencer a fome in-
dignamente que, de outro modo, jamais
a poderia vencer como escravo natural
que é, mas sobretudo para satisfazer
os odios ímpios gerados sempre por
entre inveja das almas naturalmente,
subjectamente inferiores.

O papel, que volta a leitura para o
outro lado, é todo elle escrito nesse
tom, nessa prosa, nessa gramática e
nos seus admiráveis e imponderáveis
pensamentos, que fariam morrer de
inveja o próprio S. Agostinho. Con-
clue assim:

E dissolvias em ether pelo gladió da
Luz as trevas lamacentas que arrastam
hoje o mundo quasi monstros fabulosos
espumando odios e abjecções por entro
vomitos colossais de peste para sempre
se dissiparão, para sempre se afogaram
em espírito, o qual radiosamente cobri-
rá o Universo, o infinito, de anças ce-
lestiaes...

Nesta altura, todas as convenien-
cias sociais se perderam. Quasi se
rebolava, de mãos apertadas no ven-
tre, na carruagem. Era de mais! Num
dia de calor torréio, apparecer no
combeto um *torréio* daquellas, atin-
gia o maximo que podia desejar um
mortal prestes a derreter as enxun-
dins, com carne e ossos. Foi o que
valeu. Falla noticiar que o autor assi-
nava com a seguinte firma: *Raul
Leal, collaborador do «Orpheu»*. Esta-
va certo. Eitor, o autor: *Francis Li-
bertad—Barcelona—Calle de los
Angeles*. Tornava a estar certo. Esta li-
teratura publica lóra para Espanha
reduzir a letra de forma as geniais
congeminações que esbraseavam o
cerebro de Raul. O sr. dr. João de
Matos terá o manicómio arrombado?

"le Mundo"

5/Jul/1915

(Cont. hua eão)

"A Capital,"

GENTE PARA TUDO...

Uma recita do "Orpheu"!

Entre outras produções scenicas
pensam em representar
um «drama dinamico»...

Graças a Deus, ha gente para tudo. Nuncas, porém, as boas tradições historicas foram tão religiosamente respeitadas como n'esse grupo de inoffensivos futuristas que se propõem enriquecer a tesatologia litteraria e artistica da nossa terra, publicando o *Orpheu*, planejando conferencias e dispondo-se até a exhibir a maluqueira no tablado de um theatro. Os antigos reis não dispensavam, na corte, o concurso dos bobos! Ha pessoas que imaginam ser ainda indispensavel esse concurso á vida das sociedades do novo tempo...

A ultima é uma recita publica, planejada em segredo, destinada a irritar o burguezismo artistico e a crear mais um motivo para que se fale no assumpto, porque esses pobres moços, afinal, não desejam outra coisa mais senão que se fale d'elles. Bem ou mal, pouco importa. O essencial é que não fiquem ignorados. E, na realidade, tem-se-lhes satisfeito essa ingenua aspiração.

Pois apesar da recita ter sido preparada em segredo, já alguma coisa d'isso transpirou nos cafés. O clou do espectáculo é um *drama dinamico* (!) intitulado *A bebedeira*, representado por... pernas. O panno sóbse apenas até á altura do joelho dos actores, de fórma que o espectador não vê mais do que pernas humanas, pernas de cadeiras, pernas de mesas, tudo isto illuminado por estranhos effeitos de luz, dançando coisas macabras e desconexas...

A realisar-se, porém, a recita, envolve um perigo para o publico, porque é natural que as batatas encareçam.

Com vista á commissão reguladora dos preços dos generos de primeira necessidade...



5 julho 1915

"O Povo"

Registo Bibliografico

Orfeu — Recebemos o n.º 2 desta revista, relativo aos meses de abril, maio e junho. Muito curioso, sob o seu ponto de vista literario, este segundo numero do *Orfeu*, illustrado, para mais, por Santa Rita Pintor que, diga-se de passagem, compromete um tanto os intuitos da famosa revista, quasi descobrindo o jogo dos parceiros. Resumindo a nossa apreciação, só diremos que zumb-Tumb-Catrapaz-Hip-Old.

5 julho 1915.

ANTIPATHICO FUTURISMO

Os poetas do "Orpheu"

não passam, afinal, de creaturas de maus sentimentos

A nossa noticia de hontem acerca de uma recita planeada pelos futuristas do *Orpheu* parece que não agradou a esses pobres maniacos. Pelo menos assim se depreheende de uma carta que hoje nos foi entregue, assignada pelo *engenheiro e poeta sensacionista* Alvaro de Campos, onde, a proposito, se insultam todos quanto fazem parte do jornalismo portuguez.

Não nos indigna a injuria, apenas porque não offende quem quer mas simplesmente quem pode. Os cerebros destrambelhados do *Orpheu* não podem injuriar ninguem. Mas a carta contem uma repugnante allusão ao desastre de que foi victima e sr. dr. Affonso Costa, e essa faz-nos modificar bastante o conceito em que tinhamos os *sensacionistas*. Pobres maniacos? Não. Creaturas de vis e baixos sentimentos é que são todos quantos concordam com o irritante periodo final da referida carta, que é textualmente o seguinte:

De resto seria de mau gosto repudiar illações com o futurismo n'uma hora tão deliciosamente mechanica em que a propria Providencia Divina se serve dos coraes electricos para os seus altos ensinamentos.

Isto sim, indigna e revoltante. E de hoje em diante, podem os futuristas, até ha pouco simplesmente ridiculos, agora ridiculos e maus, contar com uma nova forma de tratamento por parte dos jornalistas que estapadamente pretendem insultar.

"A Capital"

6 julho 1915



Ocasodo "Orphen,"

Já no mundo de hoje lance uma
 carta, assinada pelos sr. Alfredo Pe-
 dro Guimão e Antonio Ferro, antigos
 colaboradores da revista "Opheus", pro-
 testando contra a publicação de um ma-
 nifesto político de um sr. Raul Leal e
 contra a carta de bom-tom do sr. di-
 rigida pelo sr. Alvaro de Campos. Ambos
 aqueles senhores declaram afastar-se
 da revista, pelo que sinceramente os
 felicitamos. Não repetiremos esta car-
 ta, que também não de nos ser diri-
 gida, visto pertencer já ao domínio pu-
 blico.

Na pouco procurou-nos n'esta redacção o proprio director do «Orpheu», sr. Mano de Sá Carneiro, que egualmente condemna o antipathico gesto do «sensacionalista», pallido-nos ao mesmo tempo a publicação da seguinte carta:

Sr. diretor do "Acipress" — Mergava-me muito instigantemente o colega Iustinaev, de fazer notar ao seu colega, que a imprensa carta do Sr. Alvaro de Campos, bem como o artigo de minha redação, não tinham apenas um certo indivíduo, mas toda a "opinião pública", uma manifestação coletiva do "Orpheus". E eu respondi, que não me parecia certo que eu, um indivíduo, que não possuía nenhuma autoridade artística, deixando eu de virar o mesmo instante em que me convencesse de que por inspiração ou por vontade própria, um dos meus camaradas, a "opinião pública", não se diferenciava de qualquer opinião política ou social, artística ou coletiva. Mesmo no campo artístico não se admitiria uma opinião coletiva. De resto, o Sr. Alvaro de Campos procedeu tão irresponsavelmente que, do seu ponto de vista, não poderia dar brevíssimo comentário a qualquer dos artigos de minha redação do "Orpheus". Eu pelo que o Sr. Alvaro, as palavras hontem usadas "A Capital sobre esse deplorável incidente do "Orpheus", não tem justiça, apenas atinge o Sr. Alvaro, e não o "Orpheus" e por forma alguma a revista "Orpheus", que em termos jurídicos, não pode ter com os artigos individuais seus colaboradores ou dirigentes, ainda quando eles adorem ou reclamem os seus nomes com o equívoco de colaboradores e não com o equívoco de colaboradores de um certo de facto, mas o seu direito visto sob o ponto de vista da justiça, não completa justiça, não pode vir criar responsabilidades a essa empresa.

Pela publicação d'estas linhas nas co-
lumnas do seu brilhante diario, confesso-
me, sr. director, profundamente reconhe-
cido. De v., etc.—Mário de Sá Carmo,
director-gerente do "Orpheu".

Também o sr. Almada Negreiros, col laborador da revista, nos procurou hoje mesmo para verbalmente nos explicar a sua absoluta discordância com o sr. Alvaro de Campos, pseudónimo do sr. Fernando Pessoa, e que os seus amigos, segundo nos referem, confessam que, no momento em que se preveia a referida carta, se encontravam em manifeste estado de embriaguez.

N'estas condições, parece-nos oportuno pôr ponto final ao desagradável incidente.

"A Capital"

7 julio 1915

Os do «Orion»

Recebemos a seguinte carta, cuja publicação nos é solicitada:

Sr. director do Mundo.—Tendo estado ao nosso conhecimento que um sr. Paul Lest, num manifesto, a título de cotizador da *Orfeu*, eo sr. Alvaro do Campos cotizaram também da mesma revista numa carta dirigida á *Capital*, visaram a alta personalidade do sr. dr. Affonso Costa, por quem sentimos a maior admiração e cujo estado actual muito nos preocupa, vimos declarar que repudiamos qualquer solidificação com esses senhores, o que o primeiro dos signatarios já tinha feito em sequida á publicação do primeiro numero da *Orfeu*, fazendo o segundo a afirmação que desde hoje deixa de ter qualquer responsabilidade como editor da mesma revista. Agradecendo desde já a publicação desta carta, somos escriptores de sempre.—Alfredo Pereira Gusmão, Antonio Ferro.

6 Mundo

7 julho 1915



A rapaziada do "Orfeu"

Façamos a vontade áqueles bons rapazes do *Orfeu*. O que eles querem é tornar-se conhecidos; em vez de virem nós para o meio da rua dar cambalhotas, lançam ao papel varias maluquices e esperam, a esfregar as mãos, que o burguez escandalizado os descomponha.

O silencio da imprensa seria o desespero e a desgraça dos tontos. Não lhes demos esse desgosto e transcrevamos um trecho do *Orfeu* para eles ficarem muitos valklosos.

Do *Manuscrito*, de Mario de Sá Carneiro.

— Quanto á minha chavena bazal de porcelana?

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de anfora. Ascede num vértice de espiras. Que o seu erborio frisado a ouro emite...

É ao ar que ondula tudo! É lá que tudo existe!

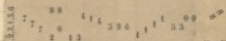
... Dos longos vidros polidos que deitam sobre a rua. Agora, chegam inortas de vértices hialinos. A laserjar crystallisacões nevoadas e difusas. Como um ralo de sol alvaresa a vitrine maior. Itallam no espaço a tingi-lo em fantasias. Laços, grifos, seias, azes—na poeira multicolor.

APOTEOSE.

Junto de mim ressoa um timbre: Lúvros sonoros! Era o que faltava na paisagem... As ondas acusticas ainda mais a rubulibam: Lá vão! Lá vão! Lá correm agéis. Lá se esgoelram gentis, franzinas côrças d'Alma...

Pede uma voz um numero ao telefono: Norte—2, 0, 5, 7... E no Ar eis que se cravam moldes de algarismos:

ASSUNÇÃO DA BELEZA NUMERICA



Mais longe um crido del xá catr uma bandeja. Não tem fim a maravilha! Um novo turbilhão de ondas praeadas Se alarga em ecos circulares, rútilos, fufalban-les. Como agua fria a salpicar e refrescar o ambiente...

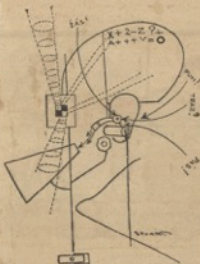
— Meus olhos extenuaram de Beleza! Inefavel dexanelo penumbroso— Descem-me as palpebras visumbradamente... Que tal? estão contentinhos, seus marduros?

"Século
Comico"

8 Julho 1915

Século Cínico 1

Em foco



Santa Rita Pintor (do Orfeu)

Santa Rita, Rita Santa, pó pó
O guarda pó de seim Catedral
Ah! ah! ah! Estou a pular as unhas! Ah!
Hi pó pó! Iro Iro! Iro Iro!

O' sarapilheira toda Iro!

Eis! eis! **Fragil! Fragil! 321** e tal
Ohs cubistas, orellus futuristas, cabeça hori-
sontal!

A Vida é Luar infrene pão-de-ló.

A E I O Vogais! **Crédit Lyonnais!**

a y h e t **Sud Express I O U**

Grandela & Companhia. **Bidet!**

Reñez-vous des gourmets! Pastelaria

Santa Rita + Pintor × Vossé!

Un vermouth cassé... Le nez dans le **Cou!**

BELMIRO.



8 julho 1915

O Diabo a Quatro

Revista em 2 actos de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudez

N.º 7
O Orfeu

Os 3

Asneirófe, escrevinhari, tiroliro,
Regabose tiroliro,
Camion, bon-bon!
Burricófe, cavaleti, sela, tiro,
Tiroliro,
Toma lá piramidon
Fon-fon!

Satanaz, o machacaz que é ferrabraz,
Barrabaz e fariseu
Mas sodesaz,
Sagaz,
Um dia p'ra que lhe deu?
P'ra ler o Orfeu.
Sabem que lhe aconteceu?
Satanaz endoideceu!
Orfeu! Orfeu! Orfeu!

Sola, sapato, rei e rainha,
Isto é um mal que dá na pinha!
Pico, pico, cerinico, — bis —
Quem te deu tamanho bico?
Não fui eu!
Nem eu!
Nem eu!
Se calhar foi o Orfeu.
Larga o rabo que não é teu.
Orfeu! Orfeu!
Orfeu!

Asneirófe, escrevinhari, tiroliro
etc.

representada no Eden Theatre
(Cópula do 2º Quadro)

"A Capital"

9 de Julho 1915.

Ainda o caso do "Orpheu,"

Mais uma carta

O correio trouxe-nos a seguinte carta:

Se, director d'A Capital. — Se hoje tendo tido conhecimento do caso do «Orpheu» peço a v. o favor de juntar as declarações dos meus ex.ºs amigos Alfredo Guimarães e António Ferra, estaocasta, em que, como collaboradores que fui d'essa revista, publicamente assumo não concordar com as idéas politicas dos ex.ºs Alvaro de Campos e Raul Leal, expostas na dita carta dirigida a esta redacção e a um numero de dias distribuido. Da publicação d'estas linhas espero ser devido a v. de quem sou com muita consideração — Carlos Rodrigues.

Como se vê, me-e fazendo o vacuo em torno do «origenista-sensacionista» Alvaro de Campos e do «pamphletario-futurista» Raul Leal. E' o resultado do seu antipathico gesto. O «sensacionista» era considerado quasi como um problema entre os seus collegas do «Orpheu». Chamavam-lhe—o Mestre! Cálha do pedestal! até para os proprios discipulos, que já levam a creverencia a negar-lhe o talento. «Sic transit gloria...».

"O Primeiro de Janeiro" - 9 de Julho de 1915.

CARTA DE LISBOA

As melhoras do sr. dr. Affonso Costa vão progredindo. Dizem varios medicos, com quem tenho falado, estar sumido o grande perigo. Parece ter havido precipitacao nas informacoes que ao principio se daram sobre a fratura na base do cranio. Felizmente, não a houve.

Posto isto, que me daria alegria alinda até que esse homem publico fosse meu inimigo, limitarei a cronica de hoje á transcripção d'uma carta recebida. Não pude, por tratar de politica, publicar a que recebi datada do céu e assignada S. Pedro. A de hoje tem interesse por versar uma questao litteraria. Eu confesso-o: não intendo ainda a prosa e poesia cubista, ou futurista, ou interseccionista, ou paulista. Transcrevi, indicando com escrupulosa fidelidade as percas, versos do *Orfeu* que é a biblia dos innovadores. Recebi hontem um livro do sr. Mario de Sá Carneiro que teve a fina amabilidade de o offerecer a este caçador cabouquero politico, agora retirado ao seu gabinete onde lhe são desporto alguns livros de litteratura. O cerebro, já envelhecido, não se agiota por certo a concepções juvenis: semelha ave arrastando as asas e incapaz de se erguer ás alturas! Ao sr. Mario de Sá Carneiro, de quem vou ler «Cen em fogo» (e que todos que o conhecem me dizem ser muito intelligente e com verdadeiro folego de homem de letras), declaro franca e tristemente a minha caducidade.

Nunca me aforei nas prosopéias de homem de letras. Assim o affirmo tambem ao interessante João de Neiva, signatario da carta que vai lêr-se. Lembra-se João de Neiva de que estas cronicas, sem a menor sombra de pretensão litteraria, não escriptas todos os dias, a três-moças, entre dôres fisticas por muitas vezes, em recantos de hospedarías e rebedos de mesas de clubs, e que até não raro as aleija á impossibilidade da revisão? Attente nestas circumstancias. E, confessado que os meus olhos fatigados e grosseiros não têm força de absorver a luz faiscante, reimpugnando fogo, da poesia novissima—não posso levar mais longe a humilhação.—transcrevo a carta que pode deslucrar as trevas de cerebros ainda juvenis e torpescos e engrossar as legiões sagradas do cubismo.

«Senhor...—Eu tenho uma grande estima por v. Por isso não sei esconder-lhe que me desagrada ver tão licitamente tratado, n'uma ironia facil, esse grande movimento de arte que a revista *Orfeu* simboliza.

«Estamos em férias. Cuido que, portanto, não lhe roubaréi agora muito tempo, atrevendo-me a dizer-lhe desentadamente, o que pretendo esse moço poeta, sobre que v. despeja as mais agudas setas da sua aljava.

«Como no fim do século XVIII e nos primeiros annos do século XIX, a litteratura procura hoje, n'uma ancha cheta de inquietude, romper sobre os escombros d'uma civilisação gasta, a estrada nova por onde, d'olhos contentes, os homens possam atravessar a vida, como nos mysterios Elendick, cantando cercados de rosas...

«Esta ancia do original provoca da parte de alguns moços artistas estudos ou poemas que, do grande publico passando despercebidos ou escurrecidos, merecem todavia que sobre elles pousamos a nossa attenção, ao menos por um momento, porque sempre da vida multipla deixam sentir um novo aspecto, ignorado ainda.

«Segundo uma formula celebre que v. conhece, a litteratura é a expressão da sociedade. Ao principio, simples, nobre, familiar, ella vai gradualmente tornando-se complicada e diversa. E talve póda mesmo dizer que, mais do que a expressão da sociedade, a litteratura é a sua descripção. Os *Zeuxippos* de La Fontaine mostram-nos todo o século de Luis XIV, e a monarquia de julho vive inteira nos livros de Balzac.

«Um tempo de deslucos amoraes, em que as noites se gastavam ao luar albeo, entre ciprestes, nas alamedas dos conventos, evocando-o hoje, em todos os seus delirios, com a leitura do *Notívado do sepulchro*...

«A sociedade contemporanea é bem a expressão do novo tempo confuso. Uma, sob a direcção dogmatica de Charles Maurras, milita-se para o Passado, e não sob o ponto de vista litterario preconiza a preservação de resquizes a tradição grego-latina, isto é, a clareza, a simplicidade, a clispeia dos escriptores do século XVII.

«A este equilibrio das facilidades criadoras oppõe-se em France o grupo de Nicolas Boandín e Jean Théron, procurando fundir n'um dia unico a paixão dos romanticos e as altas concepções idealistas dos simbolistas. Mas o poeta abandona aqui a sua Torre de Marfim, não vem mais dizer das suas agulhas interiores,—vem attar a folhe e a paixão das cidades modernas, e impetuosamente realgar as fabricas e os rancos dos motores; as machas d'olro-litido nos balcões dos bancos ou o passo cego, encheado de ar de somenos d'ago, dos exercitos que partem para a guerra...

«Tudo o que exalta o espírito, e a audaz e é forte e é heróico, o entusiasmo. São como elles se classificam, os mistérios da dominação; e a sua Arte, a que alguns chamam Paroxismo ou Imperialismo estético,—procedida mais da linha do que da cor, mais do ritmo que da imagem—é feita a amor-de-destruir para se libertar na corrente futurista».

«Os elementos essenciais da poesia dos discípulos de Marinetti são também o perigo, a energia, a tenacidade, o valor. Assim, enquanto que a antiga literatura glorificava a Imobilidade passiva, o estado e o sonho, ella exalta o movimento aggressivo, a Inocência febril. Mais bello que a Victoria de Samothrace é, segundo os novos estâneos, um automovel de corrida. E glorificando a guerra,—única hygiene do mundo,—a acção destructora dos anarquistas e as idéas que matam, pregam ella, com o despreso à Mulher, a demencia dos nusos e histericas!».

«E na pintura, porém, que os princípios estéticos d'esta escola tiveram melhor e mais perfeita realisação. Filha do Impressionismo, que fôra exclamar a Claude Monet: *J'aimerais peindre comme l'oiseau chante*, a pintura futurista quer reflectir uma nova sensibilidade contemplativa, de maneira que o quadro seja uma síntese de que se vê e de que se recorda. Para isso procura dar a exemplo diagramas, ou seja o ritmo particular de cada objecto. Daqui, confrontando harmonicamente os princípios do Futurismo com o Paroxismo, nasce a pintura dos *effados* de sius, que os poetas do Orfeu realiam em combinações barbares de sons, penetrando assim a Alma universal, na busca de buscar a consciência cosmica em que se agita o problema dos destinos».

A poesia lirica, ao menos tal como a concebiam os seus antigos adeptos, morreu definitivamente. Não mais os bardos se deixam tomar do calmo sonho egotista em que materializavam os seus sentimentos, a um balbucio que singram saberia dizer se era ainda poesia se era já sent.

Ao poeta moderno compete exaltar a vida, tornando-se para isso do verso numerozamente, em que a frase coaduna e harmoniosa guarda toda a sua liberdade, como se fosse um trecho de poema nervoso e colorido.

«Verheeren foi o primeiro que introduziu na poesia as formas contemporaneas da Vida, as cidades tentaculares, os vícios, as alegrias e as misérias nocivas. O poeta da tristeza, suave e doce, feito de sonho e de silencio, a sua ternura subtil, as *infinitesimas frías* que decoram as obras de Maeterlinck e Dehnbach, tomam no Verheeren o andar pagão das charnelles fúerças. O poeta não canta mais as almas amoráveis dos pastores, bem as doçuras do campo quando a Madrugada, soltos os caballos d'ouro e de luz, nus e radiosa como uma alfinça, cache e larga d'aromas e de desejos; e nem os seus troços em que as solvas frias, a bonda das aguas melancolicas, vlam morrer o sol, languido e sangrando, cado o seu coração».

«Verheeren conta os sentimentos grosseiros e brutos dos camponeses, o seu ingratiado trabalho, as festas, as orgias, o prazer do vinho e os desolados esquecimentos do alcool».

A preocupação do Amor deve na poesia moderna ceder o lugar à Interação do Misterio, de maneira a elle ficar sob os humos ellos, transparente e inquieto como um velo d'agua no crepusculo.

«A poesia do Orfeu, deixando de lado as considerações d'ordem puramente sentimental, desce em linha recta da poesia de Verheeren. E assim que ella se afirma entusiasta, constructiva, heroica, rude por necessidade, e portanto, por necessidade, barbara».

«Nesta suprema hora viril da Historia, em todos os dominios se manifestam audacias e afirmações fecundas, que originam com a Acção o desejo do Mundo, e criam, com a cuita da Força, a febre e a paixão da Vida. Todos os gritos, os mais diversos rumores da sinfonia moderna, vêm ecoar na rede multipla das nossas veias, como os pensamentos que atravessam as Cidades na viagem aérea dos Vios. D'ahi se origina a exaltação constante em que vive o espirito d'esses Poetas que v, sobre de moda».

«De resto, não me parece que elles devam ser tratados tão levemente, ainda mesmo que tiremos d'ahi uma interpretação erranea, porque todo o erro é uma verdade esperada. E o exigero, segundo José de Maistre, e a mestra das pessoas honestas.—De v., José Neves».

Pode ser que então seja um iniciado. Abro, agora mesmo, o livro «Ceu em fogos», E' pagina 116. Não tenho tempo para, agora, neste momento, ler mais. Encontro:

«En sociologia—Doce,
Falso sonhador—Fénelon,
Hemistoleocenas—Bracado».

«Frustrado um grande Misterio...
Atento-me em cor e dom...
Arreces, Joaças, Rogerio!».

Eu também gostava de chamar pelo Rogerio que tratava Arreces e Joaças. Mas, quem é o Rogerio?

"O Sport de Lisboa" - 17 de Julho de 1915

Pela vida...

A PROSA DO "ZÉ MALUCO"

O aparecimento do primeiro numero da revista *Orfeo*, a qual é colaborada por meia dúzia de rapazes que se querem tornar conhecidos pela maluqueira, fez, no nosso meio, um certo barulho, e outro réclamo não pretendiam os redactores.

Estes rapazes podiam revelar uma certa originalidade, pelas imagens, pelo estilo, pela essencia creadora, mas tudo escrito com aquella logica das coisas belas; mas apresentarem verso e prosa que não passa de um conjunto de disparates, é quasi passar o diploma de cretino a todo aquele que comprar a dita revista!

Quando, ha dias, li nos jornaes trechos do *Orfeo*, veio á minha mente um caso passado n'uma aldeia onde havia um insignificante tendeiro que desejava ser escritor á viva força. Varios originaes vieram ter á minha mão, afim de os fazer publicar em um jornal de Lisboa, mas, todas as vezes que os lia, faltava-me a coragem de os entregar na redacção, e arranjava sempre uma desculpa com que o tendeiro ficasse satisfeito, sem nunca perder as ilusões. Pois a prosa do dito tendeiro era perfeitamente o estilo dos colaboradores do *Orfeo*!

No fundo da minha gaveta procurei um artigo e venho transcrever um trecho; o leitor poderá compará-lo com a prosa do *Orfeo* e verá como o tendeiro era um futurista às direitas!

... Ela encostava a cabeça cheia de fogo á almofada arrendada de ar palido. Pelos vidraes choviam luzes de um orvalho encantador, dolorido e cheio de chagas.

Ela estava pensativa, olhando para a imagem dourada da alma do seu namorado. Este, lá ao longe, talvez com o corpo retalhado pelas saudades multicores do inverno, andaria subindo muito pela estrada agreste da melancolia. O sol, pae da lua, vinha beijar os cabelos d'ela com as lagrimas dos raios, tão asperos como limas mergulhadas em azeite. Ao longe a paisagem dançava uma valsa e as arvores riam muito, muito! As aves piavam gargalhadas, os ninhos vermelhos pelo estalido das chamas, dançavam tambem...

Como poderão ver claramente, esta prosa é uma perfeita imagem da intelligencia do tendeiro. Abram a revista *Orfeo* e depois me dirão como é a mesma coisa.

O tendeiro tanto escreveu que na aldeia lhe chamavam o *Zé Maluco*!

Vou saber se o tendeiro ainda vive, afirmo de o prevenir do aparecimento do *Orfeo*. Arranjam um colaborador á altura dos redactores.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

DE FORA

"ORFEU"

(ODE SIMETRICA)

Bom dia! Boa noite! Tudo é Vida
Morrer sem ter nascido, é Ideal
E a minha alma côxa, mineira, ferida
Voge de mim e vai p'ro Hospital

Olelo! O' tu! Otavio! Outono! Oh tudo!
Venham todos. Hoje ha lecás, ha dobrada!
La vem um galheiteiro vestido de veludo,
«Esta é a ditosa arte minha amada».

Sensibilidade mecanica do palo com ervilhas.
Ela hól só pára o cativoiro
Tomando o combolo fugindo p'ra Cacilhas,
Tomando um dirigível, indo para o Barreiro.

Olhai a Rouquidão em casa da Malicia
Distingo além no céu em famos de choupal
Um côco preto fardado de policia
E um macaco vestido de pardal.

A vida é um canudo; a alma é um calote
O mundo é uma bola—lá diz a geografia—
Nós somos a cosinha; o coração, um pote,
O corpo, uma tijela; o estomago é a pia.

Encobre-me o presente uma cintilação de
fada.
Enegrece-me o futuro a sombra d'um tinteiro
Correndo ao longe em setinosa estrada.
Trazem-me uma fátura, Já sei. E' o tendeiro!

A' luz diáfana d'um fosforo sem cabeça
Eu sonho que o Tannia nasce do rio Lix
E na rua, esquinando uma travessa,
Vejo um galego a esgravatar o nariz.

E' hora de jantar. A sopa está no prato
O criado anuncia: Trrim... trrim... trrrim...
Eu sou Assuto, Intelligente, Literato!
Vocês dizem que não? Pois eu digo que sim!

Estetica, Assunção, Bondade, Amor, Ternura
Tracendentalismo que come e não abanta,
Tudo isto junto, não chega á formosura
Jogunável de uma cauteia branca.

Olho p'ro ar, p'ra cima. Vejo o teto.
E á luz aérea d'um branco lampião
Olho p'ra baixo, vejo o quê? Vejo um prospe-
peto.

Lixo, pó, poeira, terra, cháel

Surgé até mim a voz d'um candieiro
Reflexão tumultuar sintetica e opaca
E sae-me da garganta ouvindo este berreiro
Um soluço debíl, vestido de casaca.

Peguem n'um relógio, n'um pau, metade
d'um limão
Mais o céu, uma estampilha e mais o sol
Agarrem n'uma casa, n'um copo e n'uma
mão

E d'isto tudo façam um urinol!

Ha luz no teu olhar formosa Catarina
Faustino, orquídeo chimpazé de formas lu-
minosas
Bate as palmas, mete a macaca na tina
E ergole d'um trago meia duzia de gazosas!

Das mãos do meu amor eu fiz um par de
botas
Das unhas dos meus dedos, nascem jornaes
do dia
Semel um rouxinol, nasceram-me marmo-
tas
Comi uma omelete, soube-me a melancia.

Morreu-me uma orelha. Está caro o baca-
lhan
Encomendem de vespera. Aniz é bom licor
Comam tiros, gatos, madeira. Bebam pau
E dêem, a Deus graças Nosso Senhor

Mas tudo isto escóla, escorre, foge e vai
Desaparece, corre, tudo, nada. Pum!
Poetas, ferros-velhos, ha duzias, ha cente-
nas
Mas Orfeu... Orfeu... ha um, ha um, só um!

Pablo Peres,
(Futurista-eletricista.)

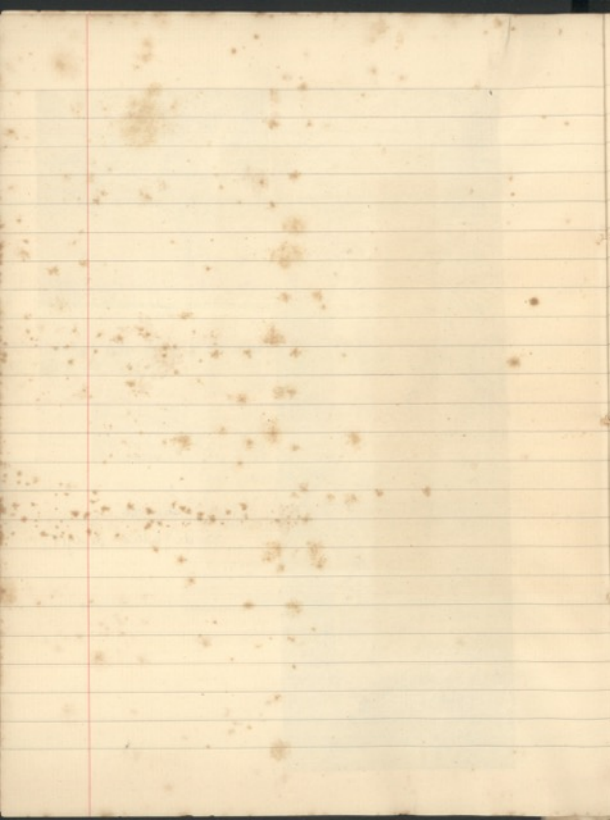
Lisboa, 14-SETE-1930 e quinze

Correspondencia

Pablo Peres—Felicitações. Tem imen-
sa graça.

"Santo Comico"

22 de Julho de 1930.



PUBLICAÇÕES

ORPHEU — Recebemos de seus directores em Portugal e no Brasil, Srs. Luiz Montalvor e Ronald de Carvalho, o 1.^o numero da revista trimestral de litteratura — *Orpheu*. E' uma publicação que honra sobremaneira os centros intellectuaes portuguezes e brasileiros, por isso que lhe desejamos o mais brilhante futuro.

Orpheu consta de 84 paginas e tem uma bizarra capa desenhada por José Pacheco. O papel em que se imprime seu texto é de superior qualidade.

A *plaquette* enfim nada deixa a desejar materialmente, podendo mesmo soffrer o confronto com a *Mercur de France e Vers et Prose*, de Pariz.

O summario do *Orpheu*, 1.^o numero, é escolhido; assignam-o nomes de responsabilidades nas bellas letras da lingua que fallamos. Eis o summario:

Luiz de Montalvor, *Introdução*;
 Mario de Sá-Carneiro, *Para os Indícios de Ouro* (poemas); Ronald de Carvalho, *Poemas*; Fernando Pessoa, *O Marinheiro* (drama estático); Alfredo Pedro Gusado, *Treze sonetos*; José de Almada Negreiros, *Frãos* (prosas); Côrtes Rodrigues, *Poemas*; Alvaro de Campos, *Opiário e Ode Triumpha*.







